

(LIVRO DO MÊS)

Vida de cão

Ele viu o Khmer Vermelho exterminar sua família. Dez anos depois, voltou ao Camboja para ficar frente a frente com os assassinos.

POR SOKREAKSA S. HIMM

DE "AFTER THE HEAVY RAIN"





O fim da inocência

Cresci em Siem Reap, uma cidade aprazível do norte do Camboja, cheia de mangueiras, coqueiros, goiabeiras e mamoeiros. Nossa casa ficava a cerca de 100 metros de um riozinho que atravessava a cidade, e eu costumava nadar lá todas as tardes. Às vezes, meus irmãos mais velhos e eu íamos pescar com papai.

Com 11 irmãos e irmãs, eu fazia parte de uma família grande, unida e feliz. Meus pais eram budistas e de vez em quando nos levavam para o culto no templo. Fomos criados com bons valores morais e disciplina. Meu pai nos incentivava a buscar educação superior: “Um homem sem conhecimento é sempre rebaixado por causa daquilo que não compreende”, dizia a todos.

Nunca pensei que a felicidade daqueles dias acabasse de maneira tão repentina...

O Khmer Vermelho chegou ao poder em 17 de abril de 1975, quando eu tinha 11 anos. Poucos dias depois, minha família, como muitas outras, foi obrigada a deixar nossa casa e ir trabalhar no campo. Labutando duro do amanhecer à noite, quase sem ter o que comer, sem nenhum conforto para dormir, acabávamos o dia exaustos, desmoralizados e desesperados.

Vivíamos num regime de terror em que o menor ato de desobediência aos agentes do Khmer Vermelho, conhecidos como *chlops*, levava à morte. As



péssimas condições também nos cobravam seu preço. Vi, sem nada poder fazer, muitos de meus amigos morrerem de fome. Suas famílias estavam fracas demais para carregar os corpos macilentos até o túmulo, mas alguns camaradas na cidade ajudavam a fazer o enterro.

Uma lembrança que não posso apagar é a do meu irmão mais novo, de apenas 10 anos, quando foi acusado injustamente de roubar milho. Os cruéis soldados amarraram-lhe as mãos e o espancaram, chutando-o tantas vezes no rosto que o deixaram irreconhecível. Quando repetiram o mesmo tipo de tortura num de meus irmãos mais velhos, começamos todos a perder qualquer esperança na vida.

Numa manhã de novembro de 1977, quando ia buscar água, vi os *chlops* amolando facas e machados. Corri de volta e contei a meu pai. “Acho que eles vão matar a gente hoje de manhã!”, eu disse. Meu pai arregalou os olhos. Não falou nada, mas, assim como eu, ficara desesperado.

Um *chlop* adolescente veio à nossa casa com uma mensagem do líder local do Khmer Vermelho. “O *angkar* loeu convida você para encontrá-lo no abrigo, agora”, disse o *chlop* a meu pai. Eu tinha certeza de que algo terrível iria acontecer.

“Estarei lá em poucos minutos”, respondeu meu pai. “Primeiro, preciso me vestir.”



Sokreaksa (na página anterior) testemunhou a execução de sua família. Dia 19 de abril de 1975: uma mulher chora sobre um cadáver (acima); agentes do Khmer Vermelho em Phnom Penh (à direita).



Depois de se vestir ele me disse: “Reaksa, aconteça o que acontecer comigo hoje, quero que você e seus dois irmãos mais velhos matem essa gente por mim.” Então, saiu. Fui atrás do meu pai, para ver o que o *angkar loeu* ia fazer. Um dos *chlops* o prendeu e amarrou-lhe os braços. “Você é inimigo do *angkar loeu*. Você serviu aos soldados americanos. Vamos matá-lo hoje.”

Corri de volta até meus irmãos e irmãs mais novos e disse: “Papai foi preso. Eles vão matar a gente hoje. Não sei o que fazer!” No todo, havia seis de nós na casa, com idades entre 2 e 13 anos. Meus dois irmãos mais velhos estavam trabalhando com uma equipe de jovens; minha mãe e minha irmã mais velha estavam no campo.

Os *chlops* arrastaram meu pai de volta para casa e nos intimaram a sair. Disseram: “Vamos executá-los porque vocês são inimigos do *angkar loeu*. Vão com seu pai, agora!” Puseram a gente

num carro de boi e nos levaram para fora da vila. Os soldados arrastaram meu pai na frente do carro para que testemunhássemos sua humilhação.

Quando passávamos pela floresta, vimos outras crianças “recém-libertadas” com seus pais, e algumas eram nossas conhecidas. Todas pareciam assustadas como eu. Agarrei-me a meu irmão mais novo, mas meus braços não paravam de tremer. Eu me sentia fraco demais.

A cerca de três quilômetros da vila, paramos. Esperamos os *chlops* acabarem de cavar uma vala que seria nosso túmulo. Desci do carro e levei meu irmão mais novo para meu pai, que se ajoelhou para beijá-lo. Em seguida, ele beijou as demais crianças.

Abracei-o, mas ele não pôde retribuir o gesto porque seus braços estavam amarrados. “Reaksa, meu coração está partido”, disse ele. “Já vivi o suficiente, mas você e seus irmãos são jovens demais para morrer.”

Minha irmã mais nova gritou: “Papai,

me ajude! Estou apavorada!” Meu pai não respondeu. Era um homem desamparado, à beira da morte.

Os *chlops*, que vestiam uniformes pretos e usavam no pescoço lenços vermelhos feitos à mão, forçaram meu pai a se ajoelhar diante da vala. Ele se virou para me olhar. Vi que o golpearam na cabeça com uma enxada, e ele caiu na sepultura com um grito horrível.

Um dos cruéis *chlops* pulou dentro da cova para dar cabo dele. Eu não queria olhar, mas não consegui fechar os olhos. A cena horripilante encheu meu coração de fúria, que se intensificava ainda mais porque eu não podia fazer nada para ajudar nem a ele nem aos outros. Pensei que morreria sufocado antes que me matassem.

Então chegou a vez das crianças. Disseram-nos para ficar de joelhos diante da vala. Um homem chamado Mao me atingiu por trás e eu caí sobre meu pai. Ele ainda não estava morto! Ouvei seus últimos suspiros, e depois, mais nada.

Meus irmãos mais novos, minha irmã e as crianças de outras famílias caíram sobre mim. Os *chlops* então se voltaram contra meu irmãozinho de colo. Nas três primeiras vezes em que o atingiram, ele gritou forte, e quando o golpearam mais uma vez, ele se calou.

Eu estava consciente, mas não conseguia me mover. Os *chlops* saltaram para dentro da cova e começaram a nos golpear furiosamente. Em seu frenesi, mutilaram todos com suas enxadas, mas não me acertaram.

Quando acabaram, um deles falou: “Acho que um ainda não está morto.” Não podia ver para quem ele estava apontando, pois tinha meu rosto voltado para baixo, sobre o corpo do meu pai, e coberto pelos corpos de outras pessoas. Um *chlop* tirou o corpo de alguém de cima de mim e me golpeou com a enxada mais uma vez, mas não



com força suficiente para me matar.

Eles devem ter pensado que eu estava mesmo morto. Se eu tivesse movido as pernas ou as mãos, eles teriam dado cabo de mim, mas eu não conseguia me mover por causa do peso dos corpos.

Eles começaram a jogar terra na cova, mas alguém falou: "Deixe isso para depois. Há mais *khmang* (inimigos) para destruir." Na suposição de que todos estavam mortos, saíram em busca de outras vítimas.

Um grito de vingança

Eles se foram, e, cinco minutos depois, tentei me levantar. Levei quase meia hora para me desvencilhar dos corpos porque estava muito fraco. Verifiquei todos da família. Estavam mortos. Entrei em desespero, debruçado sobre os corpos mutilados, esperando ser executado também. Chorei até não ter mais lágrimas.

Fiquei lá por cerca de uma hora, mas ninguém apareceu. Comecei a me afastar dali, mas, depois de andar poucos metros, vi os *chlops* voltando, arrastando outras pessoas para a sepultura aberta. Se eu tivesse permanecido na vala por mais alguns minutos, eles teriam me capturado.

Encontrei um esconderijo no mato, e pude ver quem mais eles iriam matar. De repente, vi minha querida mãe e minha irmã mais velha cambaleando em direção à tumba. Seus rostos estavam cobertos por lenços, e elas choravam amargamente. Quis gritar para que minha mãe se virasse e eu pudesse vê-la mais uma vez, mas, quando abri a boca, não saiu som algum.

Os *chlops* mataram minha mãe, minha irmã e outros, que caíram na vala. Tudo o que queria naquele momento era dizer à minha mãe o quanto a amava. Queria ter podido lhe dizer adeus. Ao mesmo tempo, meu coração



queimava de fúria. Eu queria matar aqueles assassinos, salvar minha mãe e minha irmã, mas estava completamente impotente. Não conseguia nem gritar para que eles viessem me matar. Vi os *chlops* aterrarem a cova desleixadamente e, em seguida, ir embora.

Quando o sol já havia se posto, me arrastei até a tumba, soquei-a com as mãos e a cabeça. “Mak, por favor, me leve com você!”, implorei à minha mãe. “Não quero mais viver!”

Por fim, curvei-me diante do túmulo e fiz três promessas à minha família: “Mãe, pai, irmãos e irmãs, enquanto estiver vivo, vingarei a morte de vocês. Se não, me tornarei monge, e se não puder cumprir nenhuma dessas promessas, não viverei mais no Camboja.”

Comecei a pensar sobre o que precisava fazer para sobreviver. Escondi-me na selva. Depois de três dias estava tão cansado e sedento que voltei para a vila, não me importando com o que fizessem comigo. Para meu assombro, os aldeões – que tinham acabado de me acusar de ser um *khmang* – deram-me boas-vindas. Tocaram em mim com incredulidade, e me chamavam de “o ressuscitado”. Amarraram fios brancos em minha mão esquerda e convidaram minha alma e meu espírito a voltarem para mim. Deram-me uma camisa nova e me alimentaram.

Os aldeões convocaram uma reunião especial e concordaram que eu poderia viver com um homem chamado Mov, que seria, como ele disse, o meu pai adotivo. Eu havia prometido matar os *chlops*, mas agora estava sob a guarda de um homem que me impe-

diria de fazer isso. A vingança era o emblema da honra para mim. Em vez de me sentir liberto e agradecido, fui tomado pelo conflito: até quando continuariam a pensar que eu era especial? Será que eu poderia acreditar na palavra deles?

Fugindo e voltando à vida

No início de 1979 o exército vietnamita tirou o Khmer Vermelho do poder. Fui para Siem Reap para viver com minha única irmã sobrevivente, Sopheap Himm, que não morreu porque não vivia conosco na época. Meus três irmãos mais velhos não tiveram a mesma sorte, sendo mortos em diferentes épocas, na vila ou em torno dela. Mais tarde, fui viver com a família de minha tia, em outro lugar de Siem Reap, voltei a frequentar o colégio e comecei vida nova.

Em 1983, entrei para a polícia com um desejo: valer-me dessa posição para vingar minha família querida. Meu coração estava tomado de ódio, amargura e um desejo de manter as promessas que fiz. Como policial, eu poderia matar meus inimigos.

Mas não consegui fazê-lo. Quando tive a oportunidade, com o assassino de um de meus irmãos, alguma força estranha se abateu sobre mim. Embora estivesse com a mão no gatilho, não consegui apertá-lo.

A vida se tornou insuportável quando descobri que não poderia cumprir minhas promessas. Em meados de 1984, fugi pela fronteira da Tailândia para um campo de refugiados perto da ci-



dade de Aranyaprathet. Solicitei permissão para ir aos Estados Unidos, mas o pedido foi negado. Numa tentativa de aliviar meu desespero, comecei a freqüentar reuniões de cristãos no campo e a ouvir suas orações. Não me impressionei muito, porque eles pareciam não ter respostas para as perguntas que me inquietavam o espírito.

Decidi então solicitar permissão para morar no Canadá. Após longo processo, cheguei a Toronto em 1989 e fui acomodado num centro dirigido pela World Vision, ONG internacional cristã de ajuda humanitária. Lá, recebi apoio de muita gente. Um integrante da World Vision chamado Chuck Ferguson me ajudou a fazer amigos e me deu uma Bíblia. Ele rezou comigo e me fez sentir que havia uma nova vida para mim.

Um ano depois, ingressei no Tynedale University College de Toronto para obter o bacharelado. Em seguida, fui para o Providence Theological Seminary, em Manitoba, onde concluí o mestrado. Terminei meus estudos em 1996 e abri uma firma de limpeza em Toronto, no subúrbio de North York. Fui bem-sucedido e iniciei nova vida.

Sentia-me satisfeito e pouco a pouco deixei o passado para trás. Ao longo dos anos, várias pessoas me perguntaram se eu alguma vez pensava em voltar ao Camboja. Respondia que não. "Jamais! Por que voltaria a um lugar que me traz tantas lembranças ruins?"

O caminho do perdão

Depois de anos de ausência e de uma vida de rancor e negação, percebi que

vivia na escuridão. O desejo de vingança significava que algum dia seria capaz de realizar minha promessa. De maneira subconsciente, tornei-me muito bom em abraçar minha dor. Eu nutria essa dor em algum lugar especial do meu coração, dando-lhe importância excessiva em minha vida. Na verdade, ela era uma prioridade.

Anos de desejo de vingança criaram um mundo de fantasia em minha mente. Criara a imagem de uma prisão e dentro dela colocara as imagens dos assassinos de minha família. Nos 15 anos que se passaram desde que perdi meus pais, todo dia eu me imaginava matando os assassinos com machadadas, decepamentos e porretadas.

Quando a tristeza invadia meu coração, podia ver-me entrando na prisão para torturar os assassinos. Eu achava que controlava a prisão quando, na verdade, era ela que me controlava. Não conseguia me libertar da escravidão dessa imagem mental que eu havia criado. Precisava me libertar.

Então, em 1998, recebi uma carta da World Vision USA dizendo da necessidade de ensino cristão no Camboja. Muitos cambojanos também precisavam de aconselhamento para que pudessem curar as cicatrizes emocionais provocadas pelo Khmer Vermelho. De acordo com a carta, eu era a pessoa mais qualificada para essa missão.

A reconciliação jamais pode ocorrer se não houver antes o perdão. Não dá para acordar de manhã e decidir procurar os assassinos de sua família para começar a construir um relacio-



Sokreaksa conversa com Ean, o homem que matou sua mãe.

namento. Entregar uma mensagem de perdão a um ofensor distante parecia relativamente fácil, mas ficar cara a cara com ele era bem diferente.

Levei anos para aceitar a reconciliação e sempre duvidei que fosse possível alcançá-la. Não tinha certeza sobre o que faria se encontrasse os assassinos da minha família. Agora, porém, estava iniciando uma jornada rumo ao perdão, e achava tudo isso assustador.

Imaginava se não me matariam, por pensarem que eu voltara para me vingar. Eu estava ansioso por encontrá-los. Não é comum entre o povo cambojano pedir desculpas, de modo que eu não tinha essa expectativa. Queria dizer-lhes que desistira da vingança e decidira libertá-los de mim. Não precisariam mais ter medo de

mim, porque eu já não desejava sua morte.

Tomada a decisão, voltei ao Camboja em maio de 1999. Ao visitar minha irmã nos arredores de Siem Reap, muitos amigos que ocupavam altos cargos ofereceram soldados para viajar em minha companhia quando eu fosse para Siem Reap, uma vez que antigos integrantes do Khmer Vermelho ainda viviam lá. Mas escolhi levar comigo dois pastores cambojanos, Sokcheat e Narath.

A estrada até a aldeia estava em péssimas condições. Chegamos por volta de dez horas e fui à casa de Mov, meu segundo pai. Minha mãe adotiva, que se surpreendeu ao me ver, disse que Mov não estava e que ficaria o dia todo fora. A notícia de minha chegada cor-

reu a aldeia e várias pessoas vieram falar comigo. Muitas eu não reconheci.

Perguntei sobre as pessoas envolvidas no assassinato de minha família. Os aldeões ficaram chocados com a pergunta. Por que eu voltaria para procurar assassinos depois de mais de 20 anos? Ninguém queria me dizer onde eles estavam, então saí à procura de meu velho amigo Sak, com quem trabalhei nos campos no tempo do Khmer Vermelho. Ele havia sido obrigado a se juntar aos soldados do Khmer Vermelho, que lhe ordenou, e a dois outros amigos, que usassem bombas para pescar. Uma bomba explodiu acidentalmente, matando os dois amigos de Sak, que ficou cego com a explosão.

Sak me disse que quatro das seis pessoas que eu procurava tinham sido mortas durante a invasão do Camboja pelo Vietnã. Só duas ainda viviam. Mao, o homem que me atingira com a enxada, morava em Siem Reap. O outro, Eap, vivia numa aldeia vizinha.

Confrontando o assassino

Fui à casa de Mao, mas ele estava trabalhando nos campos. Então pedi a um aldeão e ao pastor Sokcheat que o levassem à casa de meu pai adotivo. “Por favor, diga a ele que não se preocupe, pois minhas intenções são boas.”

Enquanto esperava por Mao, conversei com vários aldeões e descobri quais homens haviam sido mortos durante a guerra civil. As pessoas mais velhas pareciam ter esquecido o que acontecera com minha família. De início, estavam temerosas de falar comigo,

até que, finalmente, perguntaram-me onde eu estivera nos últimos 25 anos.

Mao arava seu arrozal quando o pastor Sokcheat e o aldeão se aproximaram. Ele ficou chocado ao saber que eu o convidara para uma visita à aldeia. Apesar dos receios, parou de trabalhar, pôs as vacas para pastar e voltou à vila. Quando chegou, vi que tinha a cara amarrada, mas, por baixo da carranca, havia medo. Cumprimentei-o e convidei-o a sentar-se e almoçar comigo. Várias pessoas se juntaram a nós e dei a Mao um pouco do pão que trouxera de casa, na tentativa de deixá-lo à vontade. Alguém lhe ofereceu uma bebida alcoólica. Ele bebeu um pouco e começou a falar comigo. Depois do almoço, tomei a iniciativa de lhe perguntar como se sentia. Ele sorriu.

– Você sabe onde me atingiu? – eu perguntei.

– Sei, sim – disse ele.

– Você sabe quantas pessoas matou naquele dia?

– Não, não me lembro.

– Havia 33 pessoas, mas só 32 morreram. Sou o único sobrevivente.

Poderia garantir que Mao estava surpreso, mas ele não disse nada. Parecia assustado. Não conseguia me olhar de frente.

– Queria lhe falar sobre a minha missão atual – eu disse. – Vim aqui para livrá-lo do medo. Trouxe presentes.

– Aqui está um *krama* – eu disse, pondo um lenço sobre seus ombros. – É o símbolo do meu perdão.

Tive muita dificuldade em dizer essas palavras ao homem que matou minha família. Minha garganta sufo-

សាលាបឋមសិក្សា ក្រុះគុណក្រុះ គោរពបូជា

God's Grace Primary School Kokpreach



Um ano depois de Sokreaksa perdoar os assassinos de sua família, ele mandou construir uma escola em seu antigo povoado.

cava e o meu coração doía. Limpar a ferida faz parte do processo de cura. Manifestar meu perdão ao homem que matou meu pai foi doloroso demais, mas me trouxe a cura.

Perguntei a Mao sobre seus sentimentos, mas ele não demonstrou emoção, nenhum pesar, nem remorso pelo que fez. Parecia morto dentro de si.

– Como você se sente, agora que eu disse que o perdoei? – perguntei.

– Obrigado – foi tudo o que Mao respondeu.

Depois de três horas, abracei-o e disse: “Pela graça de Deus, posso perdoá-lo. Sei que você não queria matar minha família, mas fez isso sob ordens do Khmer Vermelho. O que aconteceu no passado está agora anulado e você pode ir em paz.”

Muitas pessoas na aldeia estavam claramente atordoadas por me ver abraçar Mao. Na cultura cambojana, é raro homens se abraçarem – isto só ocorre se dois homens forem muito íntimos por longos anos e estiverem se reencontrando ou despedindo. Eu abraçava o homem que matara minha família, o que não fazia sentido para os aldeões. Talvez tenham pensado que era só um jogo de cena – eu fazia uma boa encenação, e voltaria algum dia para dar cabo de Mao.

Vi passar o antigo vice-líder da aldeia, Kmao – dele havia partido a ordem final para que Mao e seus companheiros matassem minha família –, e o chamei para conversar. Kmao ficou surpreso ao me ver, tendo também sido avisado sobre meu desaparecimento

por mais de 25 anos. Ele também pensou que eu viera para me vingar. Estava atônito e muito nervoso.

Um grupo de curiosos falou: “Ele era o vice-líder da aldeia naquela época e tomava todas as decisões. Foi ele quem ordenou o assassinato da família de Sokreaksa.”

Essas declarações o deixaram ainda mais temeroso, e Kmao gritou: “Eu não queria fazer aquilo, fui forçado! Que mais poderia fazer?” As pessoas se calaram – Kmao estava certo.

Eu o cumprimentei, e ele fez o mesmo. Quando me aproximei e pousei a mão em seu ombro, pude ouvir sua respiração difícil.

– Que há de errado? – perguntei.

– Quase não consigo respirar – ele respondeu.

Vi que seu corpo tremia, então procurei acalmá-lo. “Minha missão hoje é liberá-lo da dívida que o senhor tem para com minha família. Não vim para lhe fazer mal, mas sim para perdôá-lo. E já perdoei Mao.”

Ele olhou para Mao e se acalmou. Cobriu seu pescoço com um lenço cambojano e disse: “Este é meu símbolo de perdão, que põe fim a todo o mal que o senhor fez à minha família. O senhor pode ir em paz, e que Deus o abençoe.”

O processo de cura

Antes de deixar Siem Reap, prometi aos aldeões que voltaria para cavar poços e construir uma escola. Também disse que gostaria de me encontrar com Ean, o homem que vi matar minha mãe, e perdôá-lo.

Encontrei-o meses depois. Ao contrário dos outros, Ean admitiu sua culpa. “Lamento tudo o que fiz. Na verdade, fui obrigado a praticar atos que me farão sentir culpa para o resto da vida. Você tem de compreender que eu não tinha escolha porque, se desobedecesse, também seria morto. Mas não importa, eu estava errado.”

Senti-me tocado e passei minha mensagem a ele: “Venho hoje lhe perdoar.” Ean respondeu com bravura: “Gostaria de lhe agradecer por ser capaz de fazer isso. Por favor, perdoe-me pelo mal que causei à sua família.”

Assim que ouvi essas palavras, meu coração chorou. Estava comovido e senti como se minha fogueira de dor, anteriormente apagada, agora trouxesse cura e restaurasse minha alegria interior. Ele foi o primeiro a admitir o que fez e a pedir perdão. Eu ansiara por isso a minha vida inteira...

FRASES DE BOLETINS DE IGREJAS

• **Para aquelas** irmãs que têm filhos e não sabem, o berçário fica no segundo andar.

• Após a feijoada do sábado teremos um período de meditação.

• A todos que doaram alimentos à família da irmã Lurdes a igreja agradece. Ela morreu em paz.

Anoir Weinich, Chapecó (SC)